

UNIVERSIDADE E FORMAÇÃO ACADÊMICA PARA ALÉM DA LÓGICA DO MERCADO: UM ESTUDO SOBRE OS CURSOS DE ENGENHARIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ (UEAP).

Maria do Socorro Simith Neves

UNIFAP-Brasil

msmith@oi.com.br

Antonia Costa Andrade

UNIFAP-Brasil

antoniaunifap@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva refletir sobre a formação acadêmica de engenheiros no capitalismo contemporâneo com ênfase nos Cursos de Engenharia da UEAP. Busca a compreensão do fenômeno que se apresenta por múltiplas determinações em uma concepção de totalidade.

Para tanto, foi desenvolvido uma pesquisa documental com abordagem qualitativa. Utilizou-se, da análise de documentos oficiais da UEAP, o *locus* da pesquisa. Trata-se de uma Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) em andamento, que iniciou no ano de 2017. As fontes pesquisadas foram os Projetos Pedagógicos dos Cursos de Engenharia (PPC) e Relatório de Avaliação Institucional Externa da IES.

Os achados da pesquisa, trouxeram evidências sobre a realidade objetiva da instituição, que se relacionam a aspectos políticos, de gestão e de âmbito pedagógico, cujas evidências comprometem a qualidade dos cursos.

DISCUSSÃO DOS DADOS

O contexto atual no qual se insere a educação pública superior no Brasil vincula-se a um pensamento neoliberal, cujo cenário reflete a condução de políticas educacionais que seguem o ideário mercantil. No pensamento de Sguissard (2005) o acelerado crescimento quantitativo de instituições privadas com fins lucrativos, na década de 1990, engendrou metamorfoses nas universidades.

O neoliberalismo, aproximou com mais intensidade a universidade do mercado. Isso resultou na reformulação do papel do Estado, que promoveu contrarreformas na Educação Superior, com políticas de desmonte da Universidade Pública, que levam à sua precarização. Cristofolletti e Serafim (2017) destacam que foi modificada a racionalidade administrativa das IES sob a influência do modelo gerencial.

Sguissardi (2014) considera a heteronomia, a tendência atual marcante nas universidades públicas. Isso demonstra a relação de poder estatal e do mercado, na condução das IES. Em outras palavras, a universidade heterônoma, produz conhecimento para atender exigências do capital.

A lógica de produtividade, presente nas universidades, se materializa na formação acadêmica aligeirada, tecnicista e fragmentada. Os cursos são pensados sob uma perspectiva de corresponder unicamente à lógica de mercado. Isso, legitima a ideologia da empregabilidade e da competição defendidas pelo neoliberalismo. (LAUDARES e RIBEIRO, 2000).

Note-se que a UEAP, agrega um quantitativo expressivo de Cursos de Engenharia. Atualmente, dos 13 (doze) cursos ofertados, 6 (seis) correspondem a engenharias em diferentes linhas formativas. Ademais, apresentam status de destaque nos documentos oficiais da IES, mas contraditoriamente enfrentam dificuldades de ordem financeira e pedagógica desde sua criação. São cursos que demandam de condições objetivas, que se relacionam ao financiamento da instituição.

Destaca-se, a execução financeira da IES prejudicada por falta de liberação de recursos na íntegra. Os repasses no ano de 2015 foram inferiores aos de 2008, 2011 e 2014. (CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, 2016). Do orçamento anual de 2017 estimado em 18 milhões, a UEAP recebeu somente

5.613 milhões. Assim, o Conselho Estadual de Educação (2016), alerta para as características orçamentárias elevadas dos Cursos de Engenharia e que necessitam de investimentos para sua plena execução com qualidade.

Dwek; Coutinho e Mateus (2011) revelam, que a formação descontextualizada de engenheiros é constatado pela estrutura curricular dos cursos, que tradicionalmente enfatizam a dimensão técnica. Isso evidencia a formação unilateral, acrítica e alienante. Marx propõe a formação omnilateral que associe formação intelectual com trabalho produtivo e supere a dicotomia entre formação intelectual e formação técnica. (SANTOS, 2005).

Alinha-se na concepção unilateral a organização curricular desses cursos na UEAP. As matrizes curriculares, estão organizadas com primazia em componentes curriculares específicos da profissão, o que enseja a ênfase na formação técnica. Do total da carga horária, só há um componente curricular em cada curso de engenharia que sugere uma formação para além dos conhecimentos técnicos específicos.

Está descrito nos projetos da Universidade do Estado do Amapá (2009, 2010, 2011) em Engenharia Ambiental, com a disciplina “Sociedade Ética e Meio Ambiente”; Engenharia Florestal com “Sociologia Rural”; Engenharia de pesca com “Introdução à Sociologia” e Engenharia de Produção com ‘Psicologia e Relações Humanas”. Porém, no Curso de Engenharia Química inexistente indicação nesse sentido, na organização curricular.

Contudo, isso não representa indicador de uma formação omnilateral. Assim, a pesquisa sugere indicativos de influências do modelo neoprofissional de Educação Superior na formação de engenheiros da UEAP. Os objetivos dos PPC especificam a formação multidisciplinar, os conhecimentos científicos e técnicos para a competitividade no mercado. Outro aspecto, refere-se à condição de precarização a qual se insere a IES, o que compromete a qualidade dos cursos.

CONCLUSÃO

A lógica de mercado na Educação Superior tem sido intensa nas últimas décadas. As evidências, levam a compreensão sobre os condicionantes

presentes na formação de engenheiros que apresentam estreita relação com o projeto neoliberal que corrobora com os ditames mercantis.

Muitos são os desafios enfrentados pela universidade na perspectiva de uma formação omnilateral que supere a dicotomia entre formação técnica e intelectual que promova a construção de um novo homem.

Nesse sentido, a materialização de uma formação acadêmica para além da lógica de mercado é condição premente na formação de engenheiros, pautada na concepção omnilateral, defendida por Marx, que se contraponha à alienação do homem e o torne consciente de sua atividade na sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO (AMAPÁ). **Relatório de Avaliação Institucional Externa**: 2016. Macapá, Amapá, 2016. 76 p.

CRISTOFOLETTI, E. C; SERAFIM, M. P. A relação universidade-empresa sob diferentes abordagens: da universidade empreendedora ao capitalismo acadêmico. **Educação**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 73-82, 2017.

DWEK, M; COUTINHO, H; MATHEUS, F. Por uma formação crítica em engenharia. **In**: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO EM ENGENHARIA- COBENGE, Blumenau, 2011.

LAUDARES, J. B; RIBEIRO, S. Trabalho e formação do engenheiro. **R. bras. Est. Pedag.**, Brasília, v. 81, n. 199, p. 491-500, 2000.

SANTOS, M.G. A categoria de formação omnilateral em Marx e o trabalho enquanto princípio educativo. 2005. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo05/magdagiselacruzdosantos.pdf>>.

Acesso em: 23/06/2018

SGUISSARDI, V. Universidade pública estatal: entre o público e o privado/mercantil **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 90, p. 101-222, jan / abr. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

Acesso em: 28/03/2018.

SGUISSARDI, V. A universidade neoprofissional, heterônoma e competitiva. In. MANCIBO, D; FÁVERO, M. L. A (Org.). Universidade- políticas, avaliação e trabalho docente. São Paulo: Cortez, 2014.;

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ (BRASIL). **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Engenharia Florestal**: 2009. Macapá, Amapá. 116 p.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ (BRASIL). **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Engenharia de Pesca**: 2009. Macapá, Amapá. 167p.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ (BRASIL). **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Engenharia de Produção**: 2009. Macapá, Amapá. 176 p.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ (BRASIL). **Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Química**: 2010. Macapá, Amapá. 93 p.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ (BRASIL). **Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Ambiental**: 2011. Macapá, Amapá. 68 p.